

I

Sete e dez da tarde do dia vinte e um de Junho de dois mil e... Eu estou aqui e tu estás onde estás. Os turistas estão quase a chegar. Talvez já se façam ouvir, esses jovens citadinos com saudades de um campo que nunca viveram. Estamos isolados num monte, numa pequena casa de campo, o mês medrou, está quase a terminar, e eu uso conscientemente a palavra turistas para descrever os citadinos. Os novos bárbaros. Eles virão, sim, independentemente de todos os avisos ou advertências. Já ninguém liga à meteorologia. Deixou de ser uma ciência, agora existe apenas como algo derivado da astrologia. Há muito que deixaste de sentir o frio e o calor, para ti são como uma segunda pele, um treino de respiração. A mudança das estações é para ti uma ínfima aceleração no filme cristalino dos olhos. Desististe de pensar na vinda dos citadinos que tanto nos apoquentavam, tiveste essa derradeira caridade para com a espécie humana, apesar das notícias, apesar do degredo.

Ameaçaram tanto com a seca, com a chuva, com o calor tórrido, com a escassez de colheita, com os excessos de colheita. Afinal, o real resta como sempre restou: em periclitante estado de desespero. Apenas agora tudo é mais fácil, mais rapidamente transportável, como estes novos bárbaros, os citadinos que se fabricaram nas grandes fornalhas das cidades e agora vêm para cá uma vez por ano passar férias. Já nem pro-

curam o litoral, que sabem contaminado. Não, eles ambicionam o tratamento genuíno, a marca registada, o carimbo de autenticidade. Mas nós moramos aqui há tantos anos e habituámo-nos a falar apenas por sinais com o bestiário caseiro. Desvinculámo-nos aos poucos dos homens (tu mais do que eu, sim, a tua ruptura teve o carácter absoluto dos grandes gestos); verdade seja dita, tivemos algum tempo para isso. Se alguém se aproximar, não digam que não avisámos.

Eu estou aqui e tu estás onde estás. Na sala que nos separava durante uma parte do dia, há muito que não se ouvem notícias vindas do televisor, nacionais ou internacionais. A única frequência que ainda funciona projecta nas paredes sucessivas imagens em câmara lenta de vida selvagem, animais velozes, mamíferos erguendo-se temerosa ou destemidamente à flor de superfícies terrenas ou aquáticas. Aliás, desde que partiste, Joana, transformei a sala numa espécie de museu onde decorre ininterruptamente algo que lembra uma instalação visual e sonora, daquelas modernas que ninguém visita. Foi a única serventia que arranjei para o vídeo, para a televisão, para os mil e um cabos, para todo o aparato digital que andaram a descartar nas cidades ou nos sobrou depois do teu internamento. Agora o que nos resta são estas imagens, tão estranhas quanto familiares, projectadas nas paredes da sala onde não me consigo demorar muito tempo (os termómetros batem recordes, como sabes).

Parece que regressámos à infância — nós, que ainda somos tão novos, mas já tão débeis para acompanharmos a volta do parafuso do tempo, cairmos finalmente na calha onde tudo recomeça. Recomeçar? Sim, como as bobines recomeçam ininterruptamente alimentando os projectores na sala, revelando os sonhos que sonhámos na infância. Os teus sempre foram tão bizarros, tão belos. Um dos televisores tem o teu nome. Diz Joana numa fita branca que lhe serve de rodapé, o outro tem o meu, diz... Duas cabeças com fios eléctricos, cabos, tomadas em vez de cabelos. Como se fossem corpos eléctricos, senta-

dos, pasmados, inertes, eternamente avariados. Duas poltronas para cada televisor, cada um deve sentar-se e assistir à infância sonhada do outro. Quantas vezes o fizemos? Era o nosso único entretém. Com a nossa maturidade, era isso ou dormir, talvez. Bem sei que não somos assim tão velhos. Mas dá a impressão de que nos fomos esquecendo do que vimos. Custa muito reconhecer essoutro que amámos desde o início dos tempos, que é o mesmo que dizer desde o início da sua existência em nós. Mesmo que sejas tu, Joana, que conheci tão bem e, afinal, tão mal, a julgar pelas minhas recentes descobertas.

Da última vez que te vi lúcida estavas sentada à beira da cama a fumar. Os joelhos tremiam-te, como se a idade fosse um vento que quisesse levar-te a todo o custo. Apesar do sorriso, apesar de tudo. Sorriste quando te disse que os cidadãos estavam prestes a invadir o nosso sossego. Que nesse ano já vinham tarde, comentaste. Este ano chegam ainda mais tarde, comentei. O que pensas fazer?, perguntaste. Nada. É deixá-los vir, respondi-te, e dei-te a mão com um sorriso cínico que não demorou a desmoronar-se. Hoje, os últimos blocos de gelo desfazem-se no velho balde de tinta em que mergulho os pés. Ao contrário de ti, ainda não me tornei imune ao calor. Ao frio. Às oscilações tremendas do clima. Essa imunidade será o estado primordial (e terminal) a que devo aspirar. Será que ainda é conveniente chamar monte ao lugar que habitamos (ou que eu habito, desde que partiste) — há tantos anos —, será que ainda pertencemos a um país, ou seremos já o subproduto de uma marca astronómica? Será o nosso canto no mapa a mais recente dependência de uma qualquer multinacional? Amamo-nos ainda, tu e eu, ou teremos perdido a cabeça a um domingo e comprado o pacote que traz a experiência do amor em dose miniatural? Dizias-me no outro dia que exagero. Mas há momentos em que pareces confirmar tudo com esse teu silêncio remediado. De qualquer modo, quando vou visitar-te, já não percebo bem o teu murmúrio, o som que sai do botão dos teus lábios. Com o passar do tempo, desenvolveste um dialecto próprio para falar com as

flores. E com os pássaros. Parece que te esqueceste de propósito do resto. Como iremos alojar este ano os cidadãos? Isso agora é problema meu, pensas tu ou penso eu adivinhando o que tu pensas. Mas sabes que o governo nos obriga ao alojamento temporário de uma fatia significativa desta gente. É preciso que eles tenham a sua experiência no campo, é imperativo que tenham a sua existência rural. São quotas, taxas de participação na vida comunal: estas estadias em que se respira um ar sadio, estes elementos campestres têm propriedades curativas, tudo indica que fazem parte dos novos planos pré-pagos do serviço nacional de saúde. Mas tu agora já só sabes falar com as flores. E eu fico contigo a observar os dois ou três pássaros que arrumam o ninho antes de partirem para longe.

Nunca fui de muitas palavras, mas vejo-me obrigado a fazer as despesas da conversa com desconhecidos, esta gente traz muitas opiniões e já não pode ir vendê-las para o litoral. O campo e algumas pequenas cidades são lugares ainda por interditar. São poucos os que restam. E faz tanto calor. A transpiração arrepiava-me as costas, tomba no balde virado que já não serve de refrigério. Toda a terra é um pote entornado. Ainda te lembras da história de Georg Büchner? “E quando quis voltar para a terra, a terra era um pote entornado. E o menino estava sozinho. Então sentou-se e chorou, e até hoje ainda está sentado, sozinho.” Não te vejo em parte nenhuma. Preciso de falar contigo, Joana. Precisamos de definir coisas práticas. Não viste as notícias, aí onde estás, sentada ou deitada na sala comum da residência? Proibiram as queimadas, chegou essa altura do ano. Precisamos de apagar o fogo, acender os campos, dar um destino ao restolho. Agora isso é problema meu, pensas tu ou penso eu. O governo não nos perdoará o desmazelo, ainda para mais com todos os cidadãos prestes a chegar. Da última vez que te vi lúcida fumavas um cigarro e os teus joelhos tremiam. Não há nada de errado em amar uma coisa que mal se tem de pé, canta a voz na telefonia. E eu penso em ti. Sempre deitada ou sentada na sala comum. Já não te agentas de pé ou é apenas

fita? Olho para ti no espelho da minha mente e de súbito percebo. Vejo reflectido, vago e flamejante, o meu ciúme sem objecto. Tenho muito calor. Procuo-te com os olhos ensanguentados. Custa-me até o menor esforço de virar o pescoço. Eu estou aqui e tu estás onde estás, repete a voz na telefonia. Ainda se diz telefonia? Já é tão tarde na história de Büchner. É tarde em todas as histórias. Fala-se constantemente no apocalipse. Do televisor na sala que nos separava chega o som de jingles, canções muito antigas que nos acompanhavam nos primeiros anos de vida — ainda não nos conhecíamos. Anos cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa... De que século? Todo o passado se parece contigo.

À noite, recolho ao nosso quarto; estendo o corpo como se fosse uma toalha pesada da chuva quente, durmo pouco e aos caídos. De manhã, acordo com quatro ramos de roseira simetricamente dispostos ao meu lado. Precisamente onde tu deverias estar. Estranho, não me recordo de ter saído de madrugada. De ter caminhado até ao fim do sesmo, onde fica o caixote do lixo municipal. Os ramos de roseira começam a enegrecer ao meu lado quando os fito por demasiado tempo. Se pudesse deslocar a noite do seu eixo de prata, era isso que eu faria. Tudo para te ver novamente no monte. Para dormir contigo. *Até ao fim do mundo*, repito desajeitado sob os primeiros raios da manhã, ajoelhado no chão. Eu estou aqui e tu estás onde estás, repito para mim como quem reza, agora com um pouco mais de devoção. Só um pouco mais de devoção, por favor, mais devoção. Acordo com quatro ramos de roseira e o comando do televisor ao meu lado. Estes lençóis de linho são o mais genuíno que ainda guardamos nestes dias de saque e despojos. Apressam-se os cidadãos, os veraneantes sem estação, já os ouço batendo becos e veredas. Trazem pão rústico, botas rústicas, um esgar rústico com o preço ainda agarrado à cara. Consegues ouvir o meu coração a bater? Eu estou aqui e tu estás onde estás, repete a voz na telefonia. Que estranho, que massacre. Essa voz entretém ou castiga-me?